

## A CHAVE DO SUCESSO



O homem deve aprender a controlar sua atitude mental. Isso requer autodisciplina e constância nos propósitos. Em qualquer momento devemos ter em nossas mentes

apenas pensamentos positivos.

Devemos ter sempre em nosso espírito a idéia de sucesso, e ele virá finalmente até nós. O homem é produto de seu próprio pensamento. É lógico que isso só se torna relevante para o homem que estabeleceu para si mesmo uma meta na vida. Na verdade, sem um objetivo definido não pode haver êxito.

Lembrem-se: O que vocês escolherem como objetivo não é tão importante como o que realmente desejam. Constitui-se algo que vocês de fato desejam e em que acreditam de modo absoluto, e conseguirão extrair dele toda a inspiração, força e entusiasmo necessários.

Em primeiro lugar, ser sempre, sempre, otimista. Sim, mesmo que as coisas pareçam nebulosas, sejam otimistas...pois se conservarem uma atitude negativa, nunca alcançarão o que desejam.

Onde há vida há esperanças. Onde há esperanças há idéias. Onde há

idéias há progresso e onde há progresso há sucesso!

Na verdade, a palavra "sucesso" em seu significado popular, quer dizer "o ato de superar obstáculos". Então, para chegarmos ao sucesso é preciso muitas vezes superar algumas barreiras. Não devemos nos dar por vencidos nunca. Só assim poderemos nos sentir realizados...porque conseguiremos fazer o que nos propomos a fazer.

Para uma pessoa ser bem sucedida, ela deve agarrar-se ao seu objetivo e não se desencorajar por qualquer pequeno contratempo. Deve ter um objetivo mais remoto, como também um mais imediato, por ela mesma determinados. Os sucessos duradouros raramente aparecem de uma hora para outra. Mas nunca é demasiadamente tarde para alcançar o sucesso. Sua vida poderá ser uma aventura feliz e empolgante. Isso depende principalmente de você mesmo.

Isso tudo serve para você e para mim também. Eu sei que sou e serei produto de mim mesma. Quero dizer que conforme encararei os obstáculos, disso depende o que sou hoje e o que poderei ser amanhã. Se não me acovardar conseguirei transpor todos os empecilhos que certamente atravessarão o meu caminho e com certeza serei uma vencedora.

Maria Auxiliadora Novaes Sá X. Moares

## UMA VIAGEM AO PASSADO (I)

Luiz Porto

Excursionar a países como Portugal e Espanha é receber espetaculares aulas de história, é se encontrar, ao vivo, no passado, é mergulhar séculos a dentro em uma viagem que empolga e emociona. Embora o progresso e a modernidade saltem aos olhos, pretendo me deter no que mais me impressionou, ligando-me a paisagem histórica.

A começar por Portugal, vivendo Lisboa, em especial os bairros antigos e boêmios, como Chiado, Baixa Pombalina, Alfama e Mouraria, sentando às mesas do Café Brasileira ao lado da estátua de Fernando Pessoa e lembrando que "tudo vale a pena se a alma não é pequena", ouvir o fado, se maravilhar com danças folclóricas, rezar em seculares igrejas, meditar no Mosteiro dos Jerônimos, andar de bonde em estreitas ladeiras, subir o elevador Santa Justa e observar quase toda a "cidade cheia de encanto e beleza". Ir a Sintra, arredores de Lisboa, andar por todas as dependências do Palácio de Queluz, residência de verão da família real, passear em seus jardins e sentir a atmosfera da época.

Estar em Coimbra, ao lado dos estudantes vestidos com capas pretas, entrar em sua magnífica biblioteca e se admirar com suas imensas estantes repletas de preciosidades e sentir o cheiro de cultura no ar. Caminhar na cidade do Porto, onde viveram nossos ancestrais, passear de barco pelo Rio Douro degustando o delicioso vinho, tudo nos deixa com um certo frenesi.

Visitar o Santuário de Fátima, orar e se emocionar com manifestações de fé de pessoas dos mais distantes países, nos traz uma paz indescritível. Conhecer pequenas e encantadoras cidades, a exemplo de Óbidos, Batalha e Valença do Minho, construídas por árabes muçulmanos, cercadas de muralhas, com estreitas e tortuosas ruas, lembram filmes antigos como Casablanca e outros.

Todas as cidades estão cheias de mistérios que aguçam a curiosidade do visitante e o torna cúmplice dos seus segredos. Descrevê-las seria tarefa árdua, imprecisa e imprópria neste pequeno espaço. Aqui está apenas um pouco do que vivi em Portugal (foram doze cidades onde respirei e senti um passado que nos faz sonhar acordado), país que passei a admirar mais e mais gostar das suas tradições. Conhecer Portugal é ver com os olhos e sentir com a alma e o coração.

Continua no próximo Encarte

## PROVOCAÇÃO



Waldir Freitas

Com matizes, com efeitos,  
Provocar é importante.  
Traz belezas e defeitos,  
Toca fundo, penetrante.

Causa luta, causa intriga:  
Qual o porquê provocou?  
Quando incita só abriga,  
Conta só o sublimou...

Vivi qual desses dois lados?  
Ambos, mas apenas lembro:  
Do primeiro, o dissabor;

Do segundo, muito amor  
Radiante - ah! lembro:  
Quão puro e simples... de amados.

Fortaleza, 29 de abril de 2002

## MEU "EU"

Eu não tinha pais.  
Eu adotei o céu e a terra como meus pais!  
Eu não tinha casa.  
Eu adotei estar consciente como minha casa.  
Para mim não existia vida e morte.  
Eu adotei a expiração e a aspiração como vida e morte.  
Eu não possuía meios.  
Eu adotei a compreensão como meu meio.  
Eu não possuía habilidades especiais.  
Eu adotei a moral como minha habilidade especial.  
Eu não possuía olhos.  
Eu adotei ser rápida como a luz como meus olhos.  
Eu não possuía ouvidos.  
Eu adotei a sensibilidade como meu ouvido.  
Eu não possuía membros.  
Eu adotei a agilidade como meus membros.  
Eu não possuía estratégias.  
Eu adotei não desvanecer de pensamentos como minha estratégia.  
Eu não possuía projetos.  
Eu adotei prever oportunidades como meu projeto.  
Eu não possuía princípios.  
Eu adotei me adaptar às situações como meu princípio.  
Eu não tinha amigos.  
Eu adotei meu coração como meu amigo.  
Eu não possuía talentos.  
Eu adotei o ser persistente como meu talento.  
Eu não possuía inimigos.  
Eu adotei a imprudência como minha inimiga.  
Para mim não existia milagre.  
Eu adotei levar a vida corretamente como um milagre.  
Eu não possuía corpo.  
Eu adotei a paciência como meu corpo.  
Eu não possuía armadura.  
Eu adotei a compaixão e a solidão como minha armadura.  
Eu não era iluminada.  
Eu adotei a determinação como minha iluminação.  
Eu não possuía espada.  
Eu adotei a ausência de ego com minha espada.

Lidiana Novais Xavier Moraes

A pedido de Maria Auxiliadora N.S.X. Moraes

## Expediente

**Diretor responsável:** Waldir Faria Freitas - **Grupo Literário:** Laurindo Ferreira, Luiz Mendes Filho, José Alberto de Souza, Pedro Hudson de Paiva Silveira, Syllas Brasil Cordeiro e Waldir Faria Freitas - **Colaboradores:** Associados da AABNB

## OUTROS CARNAVAIS

Laurindo Ferreira

Em tempos que já lá vão, os festejos mominos começavam somente no domingo. Sim, exatamente nesse dia. Nada de iniciar no sábado, na sexta, nem na quinta-feira. A matinê para a criançada era uma espécie de vitrine do que estaria por acontecer nos bailes noturnos dos clubes sociais.



Cada agremiação tinha o seu charme. Os mais elegantes possuíam até camarotes permanentes para as autoridades ou famílias ilustres. Independentemente da classe social do clube, era ali que aconteciam os olhares apaixonados de um Pierrô para uma Columbina, debaixo de uma chuva de confetes e por entre um cipal colorido de serpentinas.

Atrás das máscaras, muitos mistérios, surpresas e encantos. Havia os blocos de familiares e amigos, inundados de piratas e odaliscas "das mil e uma noites" ou de rainha e princesa que, escolhidas com rigor, exibiam beleza e faziam as vezes de sua Majestade e de sua Alteza.

Os sons orquestrais, com suas melodias e precisos arranjos nas letras, contagiavam a todos: fosse adolescente, jovem, um coroa ou uma balzaquiana. Nuvens mágicas e invisíveis espargiam no ar o cheirinho de lança-perfume, sob os inspirados versos de "Tanto riso, oh! / Quanta alegria / Mais de mil palhaços ... " Isso para ser coerente com a figura de um palhaço caprichosamente pintado à entrada do clube.

Os foliões se esmeravam nos detalhes das fantasias. Fosse um bloco ou casal, não se revogava a elegância nem a pertinência com a vida real. E que velhos tempos! As pessoas possuíam no DNA o costume de se cumprimentarem gentilmente, fosse no meio do salão ou fora dele.

E os beijos lascivos?! Se existiam, ninguém os via. E quem se atreveria a ser objeto de comentários pejorativos e maledicentes pós Entrudo?! Nenhuma mocinha seria insana a tal ponto. Casais mais ousados até passeavam nos jardins para troca de juras, sob o testemunho de uma roseira ou de um fícus alcoviteiro, ali a poucos metros, plantados há vários anos.

E a qualidade das letras das músicas?! Quem não se lembra dos acordes do "Ariequim chorando pelo amor da Columbina, no meio da multidão". E este escriba que "Guarda ainda bem guardada a serpentina que ela jogou. Ela, uma linda Columbina e eu um pobre Pierrô". E aquele carnavalesco que "Queria ser um grilo seresteiro para fazer cricri, cricri, debaixo do seu travesseiro".

Afinal, quem não recorda de uma ou outra cena de término do baile, hora da despedida daquele casal que se abraçou, mas nem se beijou ...

Imaginemos, por exemplo: a orquestra pára em definitivo -- fosse a Tabajara, a Los Guaranis, Os Velinhos Transviados ou qualquer outra. Um folião, delicadamente, com a ponta do lenço remove o confete colado nos lábios da moça, enquanto ela, também já apaixonada, retira a máscara ... E ele, vulnerável a tanta beleza, pede-a em namoro, beija-lhe a face para selar o amor nascido no tríduo de Momo.

Fevereiro.2009.

# SERTÃO - NATUREZA

I

Sertão que sente o mormaço  
Queimando a sua beleza,  
O sertão é um pedaço;  
Do corpo da natureza;

II

Meu sertão embelezante,  
Que tanta beleza encerra,  
Sente a dor horripilante,  
Por todo corpo da terra;

III

Sertão que sofre o martírio;  
Da tesoura da traição;  
Acumulando um delírio,  
Caindo em cada estação.

IV

Sertão sem a mata virgem,  
Que guardava os segredais;  
Seus carrascos sem origem,  
Querem ser não podem mais.

V

Sertão que não tem afeto,  
Que mata nova não tem;  
Desmoronado e incompleto;  
Sem respeito de ninguém;

VI

Sertão que guardou segredo,  
Zelado por fauna e flora;  
Hoje chora a dor do medo;  
Vendo tudo indo embora.

VII

Sertão da mata florida,  
Hoje a simples capoeira;  
Trocaram o valor da vida;  
Por vegetação rasteira.

VIII

Sertão onde a passarada,  
Fazia seus festivais,  
No lugar dessa toada  
É silêncio e nada mais.

IX

Até breve meu sertão  
Que guardo dentro do peito  
Fique com o meu coração  
Não pode ser de outro jeito.

Francisco Canindé Fernandes

## MEU VIOLÃO

Mairton Menezes

Violão, companheiro inseparável  
Meu leal amigo na solidão  
Com teus arpejos de som agradável  
Tu me elevas além da imensidão

Sobre o meu peito diuturnamente  
Meu coração bate no teu compasso  
Na vibração das cordas tão plangente  
Eu viajo contigo passo a passo

Quando a tristeza bate na minh'alma  
Teus doces acordes me reconfortam  
E a tua sonoridade me acalma

Divido contigo meus dissabores  
Deixo contigo as mágoas que me cortam  
Entrego a ti a dor dos meus amores.

Setembro/2008.

## TROVAS

Deusdedit Rocha

Nem sempre a lágrima traz  
a dor de dentro da gente,  
por si só ela é capaz  
de se mostrar aparente.

Quantas lágrimas verti  
ao findar-se o nosso amor  
por me derramar a ti  
qual mancebo sonhador.

## UNIDADE NA DIVERSIDADE

Este artigo tem como objetivo principal alertar a todos aqueles que buscam conhecimento da verdade, nos campos material e espiritual, procurando o equilíbrio em todos os setores de atividades.

Para chegarmos a esse objetivo, teremos que, primeiro, percorrer um caminho que deve ser seguido por todas as pessoas de boa vontade e dispostas a transporem o limiar das incertezas, contradições e tudo aquilo que contribui para o erro e desequilíbrio temporais.

Tudo seria fácil se nós dispuséssemos a seguir de um modelo de conduta linear, apoiados numa perspectiva ordenada, segunda a qual todos nós passamos, inevitavelmente, por três fases na vida: do sincrético, pelo analítico, para o sintético.

Podemos explicar essas três fases, utilizando métodos práticos e facilmente compreensíveis, como passaremos a expor:

Para iniciar, a palavra sincrética será substituída por confusão. Assim, quando iniciamos qualquer empreendimento, estaremos na situação sincrética ou de confusão. Nossos objetivos, aptidões, disposições, desejos, impulsos, etc, estão em desordem, porque ela é de difícil acesso, pois tem morada no subconsciente.

Nessa fase, o homem permanece até receber intuições e conhecimentos advindos de nossa evolução cultural, através de orientações seguras e efetivas. Continuaremos a viver dependentes e desorientados, fazendo tudo pelas nossas próprias forças, egoisticamente e sem rumo.

Poderemos chegar até à Faculdade, intelectualmente capacitados, mas sempre presos a essa fase (sincrética), dependente das concepções heterogêneas e inseguras. Até mesmo um cientista, um teólogo ou qualquer outro especialista, poderão permanecer no sincretismo, sendo uma ameaça constante para a humanidade.

Na segunda fase, a analítica (intelectual), já começamos a perceber as coisas de maneira mais lúcida, ensejando comportamentos propícios para uma melhor avaliação ou compreensão da vida.

Estaremos mais bem convencidos para enfrentar a nova fase, que também será árdua, pela sutileza de seus objetivos, porque já estaremos saindo do subjetivismo, tão comum na fase sincrética, quando éramos dominados, também, por forças ocultas.

Finalmente, atingiremos a situação sintética ou intuitiva, quando estaremos livres para agir de conformidade com nossas convicções mais puras e sublimes.

Somente nesta fase, é que a pessoa estaria preparada para entender e elaborar seus projetos com proficuidade, plena convicção e auto-suficiência.

Como esse assunto é vasto e de difícil alcance, prometemos, em outra oportunidade, voltar a analisar essas três fases, que nos permitiram chegar à conclusão de que poderemos atingir a "unidade na diversidade", naturalmente com a ajuda divina.

## VELOSÃO, o GUARDA VALAS

Carlúcio Bicalho

Tendo em vista o meu envolvimento com os fatos a serem narrados, resolvi descrevê-los, com a devida vênua do nosso escriba maior, Nelson Mendes Pereira, amigo, cidadão honorário de Osasco, membro da Aclecia-Academia de Letras, Ciências e Artes do São Francisco, integrante da confraria sampaulina, juntamente com amigos comuns tais como: o General Porfirio da Paz, Cícero Pompeu de Toledo, Laudo Natel e outras eminências desse calibre. Atualmente dedica-se, placidamente, em sua fazenda, à purificação de raças bovinas na região, com base nos conhecimentos trazidos da sua querida Brasília de Minas.

O Banco do Nordeste do Brasil, Agência de Montes Claros, teve sempre uma equipe funcional da maior competência, a qual, em sua maioria, praticava o futebol com igual qualidade.

Por uma feliz coincidência, vários funcionários da Agência de Montes Claros participaram de grandes clubes da cidade, facilitando a formação de um elenco dos melhores em nossa região, contando ainda com um técnico de grande competência, Colmar, o Cilinho nortemineiro, como dizia o amigo Nelson. Dirigi, antes de ingressar no Banco, o famoso Farmacobra, onde vários colegas de hoje haviam atuado com brilhantismo.

O time benebeano era quase imbatível, mas um fato passou a preocupar o competente "coach" Colmar: o nosso goleiro titular, o grande Walter Frota, fora transferido de Agência. Improvisações foram feitas com Lúcio Maldonado, Joel, Antônio Paulino, nada deu certo. De repente, o problema pareceu resolvido, chegara a Montes Claros, transferido, o grande goleiro Velosão, o maior arqueiro da história das cidades de Botumirin, Cristália e adjacências, mestre em pegar pênaltos e bolas de efeito, 1,90 de pura competência debaixo das traves. Por ter dito ao nosso treinador que estava fora de forma, o mesmo foi levado ao BNB Clube, na madrugada, 5 horas da manhã e submetido a rigorosa sessão de treinamentos bem ao estilo do rigoroso Colmar. Naquele dia, na hora apazada para o início do expediente bancário, o excelente funcionário não apareceu para executar os seus importantes serviços na agência. Preocupado com o ocorrido, após o expediente, o técnico Colmar e alguns colegas, do setor rural, foram a sua residência e tal o espanto dos colegas ao vê-lo acamado, febril e com dores musculares, já sob o efeito de potentes analgésicos.

Passado o susto dos visitantes, o competente Velosão, já tinha sua posição firmada, não jogaria mais futebol, preocupado que estava em conciliar os compromissos funcionais junto ao banco e os rigorosos e extenuantes treinamentos do seu técnico. O mesmo preferiu encerrar a carreira de grande goleiro sem nunca ter envergado a jaqueta nº 1 do glorioso esquadrão benebeano. Posteriormente, tive a honra de tê-lo como padrinho de casamento.

Desolado, o reinador Colmar acabara de perder o grande destaque do tradicional torneio entre as comunidades de Quem-Quem, Solidão e Orion, recentemente disputado, no qual o mesmo foi a maior estrela, solução definitiva para o problema da meta benebeana.